



# **MODELO DE PARTICIPAÇÃO COMPETITIVA: ORIENTAÇÕES ÀS LIGAS E FEDERAÇÕES ESPORTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO POSITIVO EM COMPETIÇÃO DE JOVENS<sup>1</sup>**

Lucas Leonardo<sup>2</sup>  
Tathyane Krahenbühl<sup>3</sup>  
Alcides José Scaglia<sup>4</sup>

## **RESUMO**

*Esta pesquisa propõe a transformação das competições de jovens de ligas e federações através do modelo de participação competitiva, organizada em diferentes níveis competitivos, na busca da democratização do acesso à competição por compreendê-lo como um ambiente de aprendizagem. PALAVRAS-CHAVE: competição esportiva; esportes para jovens; democratização*

## **INTRODUÇÃO**

A percepção que o indivíduo tem das experiências competitivas podem influenciar tanto para desenvolvimento positivo, como para o desenvolvimento negativo, sendo o formato competitivo adotado é um fator que pode influenciar esta percepção (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009; CHOI, JOHNSON; KIM, 2014).

Na tentativa de equalização, as competições de jovens adotam categorias de 24 meses, mas desconsideram as influências dos diferentes ritmos de maturação (MIRWALD *et al.*, 2002; SHERAR *et al.*, 2007), os efeitos da idade relativa (MUSCH & GRODIN, 2001) e o tempo de experiência de prática esportiva autônoma ou deliberada (WIERSMA, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2008) como fatores que podem interferir favoravelmente à permanência apenas dos jovens percebidos como mais aptos na prática esportiva (VAEYENS, PHILIPPAERTS; MALINA, 2005; DELORME; BOICHÉ; RASPAUD, 2010; SCHORER, WATTIE; BAKER, 2013).

Estes fatores mostram quão complexo é lidar com a competição de jovens (WIERSMA, 2005), porém, negá-la significa negligenciar um elemento constitutivo do esporte, pois é na competição, cuja natureza primária está associada ao jogo, que subsiste a essência do esporte (CRANE & TEMPLE, 2015).

1 O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), lucasleo@gmail.com

3 Universidade Federal de Goiás (UFG), tathy04n@gmail.com

4 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), alcides.scaglia@fca.unicamp.br

Torna-se fundamental, então, transformar a competição de jovens para atingir seu potencial positivo, de modo a justificá-lo como um ambiente de aprendizagem que cultive valores para o desenvolvimento social, moral e ético, atingindo habilidades para a vida (DREWE, 1998, 2009; CÔTÉ, LIDOR; HACKFORT; BALBINO *et al.*, 2013), sendo a engenharia competitiva um possível caminho para que metas de engajamento positivo sejam alcançadas (BURTON; GILLHAM; HAMMERMEISTER, 2011). Neste sentido, Wiersma (2005) sugere quatro diferentes níveis competitivos que podem coexistir para jovens de mesma idade.

No primeiro nível há ausência da competição formal, viagens, tabelas e classificações. Ocorrem modificações nos equipamentos e nas instalações devido aos baixos níveis de habilidade. As crianças deverão jogar tempos iguais e o principal objetivo é a excitação para o esporte.

No segundo nível há ainda baixos níveis de competitividade, porém já com formato de liga, com placares e tabelas e enfatiza-se ainda o desenvolvimento de competências. O evento acontecerá em local único com garantidas de paridade competitiva.

No terceiro nível destina-se os atletas de maiores habilidades e espera-se maior compromisso durante uma temporada mais longa com viagens e seleção de atletas para os jogos.

No quarto nível aumenta-se o compromisso em competições anuais mais onerosas pela busca de realizações no esporte. Há restrição a outros esportes e atividades extracurriculares e aumenta-se a exigência nos treinamentos e espera-se grande experiência anterior com a prática esportiva.

As competições de jovens em ligas e federações baseiam-se no nível quatro, porém, dada toda a complexidade exposta, torna-se necessário entender as diferentes necessidades e possibilidades do jovem, mediante a compreensão que este modelo não é suficiente para a democratização da competição enquanto ambiente de aprendizagem.

## **OBJETIVO**

Este estudo propõe um modelo de participação competitiva orientador a ligas e federações no sentido de superar o conceito de competição como um fim para a sua compreensão como parte do processo de ensino, vivência e aprendizagem esportiva (GALATTI *et al.*, 2014).

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo propositivo apoiado no quadro conceitual formado pelo modelo de participação esportiva (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), os nos níveis competitivos (WIERSMA, 2005) e estudos que discutem a abordagem competitiva na juventude para a elaboração do modelo de participação competitiva ajustado às demandas e necessidades do jovem.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A partir do quadro conceitual, durante os anos de experimentação (seis a 11 anos) a prática competitiva deve priorizar competições de níveis um e dois. Quanto mais

próximo dos anos de especialização (12 aos 15 anos) e investimento (16 e 17 anos), será maior a importância de competições dos níveis três e quatro sem, no entanto, abandonar a contribuição do modelo de participação esportiva que propõem os anos de participação como um espaço de prática esportiva destinada ao público que não se dirige ao caminho da performance, pelo menos momentaneamente.

O modelo de participação competitiva deve oportunizar competições também aos anos de participação e garantir que no período de forte influência de fatores como o desenvolvimento biológico, a idade relativa e o tempo de prática esportiva, a competição também seja direcionada àqueles que momentaneamente são percebidos como menos aptos ou que não demonstrem interesse de ampliar sua dedicação à prática esportiva, equilibrando as oportunidades de aprendizagem.

Para os anos de participação, deve-se adotar competições de níveis um, dois e, até mesmo três, por se prever a transição de atletas entre os anos de especialização e de participação ao longo das temporadas competitivas devido à gradual atenuação das diferenças físicas e de experiência esportiva (figura 1).

Com estes pressupostos, ligas e federações podem transformar suas competições ampliando a possibilidade de democratização da competição para atletas em pleno desenvolvimento físico e de aprendizagem e como sugestão, algumas orientações são oferecidas.

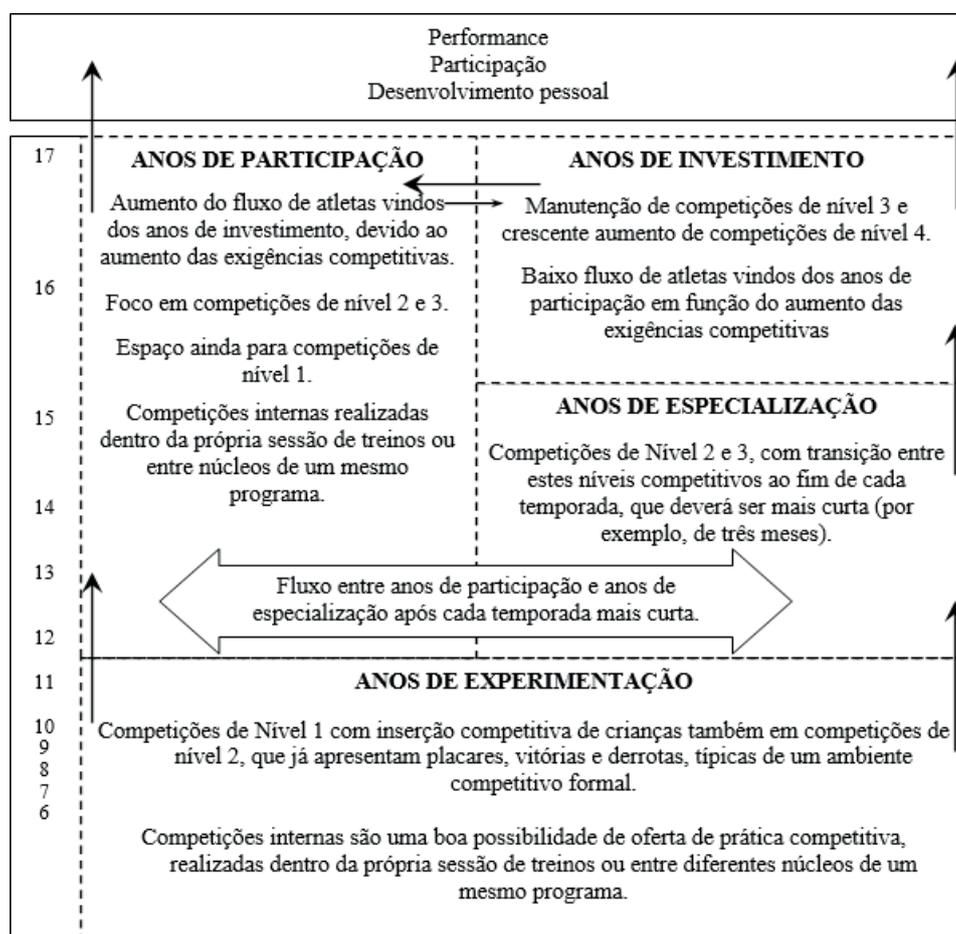


Figura 1. Proposta do Modelo de Participação Competitiva baseado em Côté, Baker & Abernethy (2007) e Wiersma (2005)

Fonte: Autoria própria

As temporadas devem ser mais curtas, principalmente para jovens entre os anos de experimentação e de especialização, momento marcado por grandes transformações. Côtê e Hancock (2016) indicam que competições curtas, com no máximo seis meses, podem se tornar mais interessantes, por valorizarem a cada nova temporada iniciada o momento em que o atleta se encontra em seu desenvolvimento.

Segundo Schorer, Wattie e Baker (2013), devem elaboradas competições de ano ímpar (sub-9, sub-11 e etc.) e de ano par (sub-10, sub-12 e etc.), pois a mudança da categoria competitiva para 12 meses pode garantir a atletas que seriam subutilizados pelos efeitos da idade relativa ou status de maturação tardia a oportunidade de competir em sua idade específica.

Visando otimização do calendário, pode-se garantir num mesmo jogo entre duas equipes disputa de partidas em mais de um nível (WIERSMA, 2005). Num mesmo jogo da categoria, pode-se aumentar os períodos de jogo de dois para três. No primeiro período compete-se em nível um e dois, no segundo em nível três e no último período em nível quatro. Assim, pode-se oferecer níveis de exigência mais ajustados, fazendo de cada período uma competição independente.

Deve-se diminuir burocracias para diminuir custos que e elitizam o acesso à competição. Logo, entre o período de experimentação e de especialização, abolir a confecção de carteirinhas, reduzir a quantidade de árbitros e utilizar atletas dos anos de investimento para este fim pode garantir menores custos e a possibilidade de participação de mais projetos esportivos.

## **CONCLUSÃO**

Este estudo, oferece subsídios a ligas e federações para a construção de um modelo competitivo baseado na oferta de diferentes níveis competitivos em função dos interesses e percepções de rendimento dos jovens buscando alternativas contra o viés da maturação precoce, do efeito da idade relativa e da experiência na prática esportiva e competitiva como determinantes para se competir. Para isso, utilizou-se como quadro conceitual o modelo de participação esportiva (CÔTÉ, BAKER & ABERNETHY, 2007) e os diferentes níveis competitivos (WIERSMA, 2005), para apresentar disposições preliminares do modelo de participação competitiva.

## **MODELO DE PARTICIPACIÓN COMPETITIVA: DIRECTRICES PARA LAS LIGAS Y FEDERACIONES DEPORTIVAS PARA EL DESARROLLO POSITIVO EM COMPETICIONES JUVENILES**

*RESUMEN: Esta investigación propone la transformación de las competiciones juveniles de las ligas y federaciones a través del modelo de participación competitiva, organizados en diferentes niveles competitivos, en la búsqueda de la democratización del acceso a la competencia mediante la comprensión de esto como un ambiente de aprendizaje.*

*PALABRAS CLAVES: competición deportiva; deportes juveniles; democratización.*

## **COMPETITIVE PARTICIPATION MODEL; GUIDELINES TO SPORTS LEAGUES AND FEDERATIONS FOR POSITIVE DEVELOPMENT IN YOUTH SPORTS COMPETITION**

*abstract: This research proposes the transformation of the youth competitions of leagues and federations through the model of competitive participation, organized in different competitive levels,*

*in the search of the democratization of the access to the competition for understanding this as a learning environment.*

**KEYWORDS:** *sports competition; youth sports; democratization*

## REFERÊNCIAS

- BALBINO, H. F. *et al.* Pedagogia do esporte: significações da iniciação esportiva e da competição. In: REVERDITO, Riller Silva *et al.* (Orgs). **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, p. 41-68, 2013.
- BURTON, D.; GILLHAM, A. D.; HAMMERMEISTER, J. Competitive engineering: Structural climate modifications to enhance youth athletes' competitive experience. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 6, n. 2, p. 201-217, 2011.
- CHOI, H. S.; JOHNSON, B.; KIM, Y. K. Children's development through sports competition: Derivative, adjustive, generative, and maladaptive approaches. **Quest**, v. 66, n. 2, p. 191-202, 2014.
- CRANE, J.; TEMPLE, V. A systematic review of dropout from organized sport among children and youth. **European Physical Education Review**, v. 21, n. 1, p. 114-131, 2015.
- CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. **Handbook of Sport Psychology**, v. 3, p. 184-202, 2007.
- \_\_\_\_\_; FRASER-THOMAS, J. Play, practice, and athlete development. Developing sport expertise: **Researchers and Coaches put Theory into Practice**, p. 17-28, 2008.
- \_\_\_\_\_; HANCOCK, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2016.
- \_\_\_\_\_; LIDOR, R.; HACKFORT, D. ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, p. 7-17, 2009.
- DELORME, N.; BOICHÉ, J.; RASPAUD, M. Relative age effect in elite sports: Methodological bias or real discrimination? **European Journal of Sport Science**, v. 10, n. 2, p. 91-96, 2010.
- DREWE, S. B. Competing conceptions of competition: Implications for physical education. **European Physical Education Review**, v. 4, n. 1, p. 5-20, 1998.
- \_\_\_\_\_. Understanding adolescents' positive and negative developmental experiences in sport. **The Sport Psychologist**, v. 23, n. 1, p. 3-23, 2009.
- GALATTI, L. R., *et al.* Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Journal of Physical Education**, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.
- MIRWALD, R. L., *et al.* An assessment of maturity from anthropometric measurements. **Medicine and Science in Sports and Exercise**, v. 34, n. 4, p. 689-694, 2002.
- MUSCH, J.; GRONDIN, S. Unequal competition as an impediment to personal development: A review of the relative age effect in sport. **Developmental Review**, v. 21, n. 2, p. 147-167, 2001.
- SCHORER, J.; WATTIE, N.; BAKER, J. R. Correction: A New Dimension to Relative Age Effects: Constant Year Effects in German Youth Handball. **PloS One**, v. 8, n. 5, 2013.
- SHERAR, L. B., *et al.* Do physical maturity and birth date predict talent in male youth ice hockey players? **Journal of Sports Sciences**, v. 25, n. 8, p. 879-886, 2007.
- VAEYENS, R.; PHILIPPAERTS, R. M.; MALINA, R. M. The relative age effect in soccer: A match-related perspective. **Journal of Sports Sciences**, v. 23, n. 7, p. 747-756, 2005.
- WIERSMA, L. D. Reformation or reclassification? A proposal of a rating system for youth sport programs. **Quest**, v. 57, n. 4, p. 376-391, 2005.